



REALITY SHOW: CORROBORADOR NA CONSTITUIÇÃO E PROPAGAÇÃO DE VALORES SOBRE O GÊNERO FEMININO

Joyce Bezerra de Souza
UFRPE/FUNDAJ
joycesouzab@gmail.com

Guilherme Rogério Lira de Andrade
UFPE
guilhermeliraandrade@gmail.com

1. Introdução

A pesquisa traz uma discussão sobre as implicações que os reality shows trazem em relação às questões de gênero, principalmente as que estão ligadas ao campo da sexualidade e educação. Nos reality shows a vida do outro se torna espetáculo por estar veiculada a noção de realidade, de espontaneidade, assim como de limitação territorial e conflitos interpessoais, já que o programa se passa em uma casa onde os participantes estão isolados.

Pelo grande índice de audiência desses programas e pela importância que é dada pelas mídias sociais, justifica-se a importância dos estudos sobre esse modelo de programa. Como esse programa veicula a imagem da mulher através das charges? Qual o papel da mulher? Como a sexualidade feminina é referenciada? Que implicações educacionais podem trazer? São questionamentos indutores da pesquisa. O Reality Show é um verdadeiro complexo de possibilidades humanas que ferve em sensações que encantam, aprisionam os telespectadores em episódios diários de sensualidade e cenas que especulam a vida do outro como direito inalienável do espectador. Com objeto de trazer contribuições à sociedade e aos estudos de gênero e comunicação acerca da temática, foi analisado um programa de TV, nessa perspectiva de público - o Big Brother Brasil¹ (BBB), especificamente as charges apresentadas na temporada de 2014.

¹ Programa que surgiu na emissora de TV da Rede Globo em 2002, com a intenção de mostrar o cotidiano dos participantes, que não são do meio artístico, que estão encarcerados em uma casa cenográfica. Estando no ano de 2014 em sua 14ª edição e 12 anos de exibição.



2. Big Brother Brasil: Um Reality Show de sucesso

O Reality Show no Brasil surge em 2000 com o Programa No Limite, da Rede Globo e em 2002 o Big Brother Brasil². O Reality Show pode ser definido como “um tipo de programa baseado na vida real”. (WIKIPEDIA, 2014). O BBB, “programa voltado para um público ávido para assistir o que acontece na casa do “vizinho”, virou febre. Foi uma fórmula importada na busca desenfreada pela audiência, apostando no sucesso do inusitado, na conquista da mídia e na invasão definitiva da privacidade alheia.” (CHABAD, 2014).

O show da vida apresentado pela TV, então, é um formato de programa que convoca os telespectadores para visitar a intimidade do outro, sem que para isso seja acusado de violar a privacidade, personalidade ou a imagem de ninguém, pois de acordo com a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e no Código Civil Nacional (Brasil, 2002) não preconiza o caso de exposição consentida como infração. Logo, o indivíduo que expõe sua intimidade ao público não caracteriza violação e o entretenimento e a satisfação da curiosidade da vida alheia está garantida.³

Em uma pesquisa Ferrão, (s.d) revelou que fatores como curiosidade, entretenimento, análise do cotidiano de pessoas normais na televisão, possibilidade de identificação com alguns participantes, poder de controle sobre a vida dos participantes através da votação de eliminação são quesitos que atrelam a atenção e fidelidade de telespectadores de reality shows, assim como no BBB.

3. A discussão de gênero no Big Brother: educando através de concepções

Sejam artistas da mídia, completos “desconhecidos” ou estrangeiros, os espetáculos da bisbilhotagem agregam valores sociais que se segmentam e reproduzem através da telinha. Fischer (2002), afirma que a mídia nos convida diariamente a falar sobre a sexualidade e isto é forte nos programas que sugerem transmissão da vida real. Pensar a questão de gênero em programas que transformam a vida cotidiana em espetáculo desprovido de censuras valorativas

² Cf: pt.m.wikipedia.org/wiki/Reality_Show

³ Cf: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm e http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm



“convencionais” é prestigiar o desatamento de práticas sexistas coloniais. Porém, a expectativa apresentadas dos reality shows não compreende reflexão sobre exploração de gênero, que é um movimento contrário ao machismo declarado – onde a mulher não pode explorar sua sexualidade livremente e expor a vida privada, por um movimento mascarado de liberdade de expressão verbal e sexual. As mulheres continuam a ter sua sexualidade e imagem explorada, secundarizada, recheada de um ranço machista de subordinação à vontade do homem.

Os programas que evocam imitar a vida real colaboram para a efetivação e disseminação de preconceitos já conhecidos, de depreciação da mulher que se distancia do modelo tradicional de mãe/esposa, embora sirvam de deleite noturno na sala de estar dos lares brasileiros.

Sendo assim, o Big Brother Brasil emana questões muito mais amplas, que as que são constantemente veiculadas - de entretenimento. Trazem discussões sobre o modo como a mulher é referenciada na mídia, do seu papel, da expressão da sexualidade feminina, da cultura brasileira sobre o tratamento do corpo.

4. Metodologia

A pesquisa utiliza como mecanismo de captação dos dados a análise e interpretação das charges veiculadas na temporada do Big Brother Brasil de 2014, que foram escolhidos por terem sido potencialmente polemizadas no tempo de sua exibição, especialmente no que se refere às questões geradoras da pesquisa na perspectiva de gênero e educação, podendo ser encontradas no site oficial do programa. Trabalhando com o universo das impressões, dos valores, das questões subjetivas a pesquisa atende ao que Minayo (2011) entende por pesquisa qualitativa.

5. Resultados e Discussão

O programa foi permeado de discussões fortes sobre sexualidade e afetividade, principalmente no quesito da homossexualidade das sisters (irmãs/participantes) Vanessa e Clara sobre a exposição pública de um relacionamento homoafetivo no reality. Vídeo-animações caricaturadas, charges criadas por Maurício Ricardo, dos personagens foram frequentes nos episódios da



temporada do BBB 14. Com suas devidas desproporções, seja dos seios avantajados das participantes ou de comportamentos satirizados pelo público, os componentes foram deturpados e/ou esvaziados de demais discussões sobre tais características, de acordo com o interesse do programa. Com a intenção de fazer rir, histórias foram recontadas a partir de acontecimentos do interior da casa do BBB.

Ensinar infere muito mais que os muros rígidos de uma escola, não é transferir conhecimentos, implica reconhecer que a educação é ideológica, que exige apreensão da realidade, exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. (FREIRE, 1997). A discussão não se encerra na nudez ou relação homoafetiva, ultrapassa o universo das imagens veiculadas. Trata-se de uma construção social do corpo e da sexualidade explorada pela mídia, do que é belo e extravasa sensualidade, que introduz e dissemina valores ideológico-pedagógicos. Bourdieu (2002) entende que a composição da sexualidade é revestida de “significação social” porque o corpo tem uma edificação social, assim como o modo como lidamos com ele, o BBB veiculou representações do que é ser mulher e de seu comportamento. Logo, o programa supracitado pouco colabora para a promoção de equiparidade de gênero e reflexão sobre os papéis de homens e mulheres frente aos tempos atuais. Clichês deterministas são veiculados, sobretudo, das identidades de gênero e suas atribuições e valorações.

6. Conclusão

De um modo geral, o BBB massifica ideais, através das imagens e pequeno flash permitido para ir ao ar esquivar-se de promover uma discussão mais real, interativa e significativa, do ponto de vista das relações inclusivas e livres de postulações preconceituosas e reducionistas de gênero e sexualidade. Não gerando, portanto, muitos ganhos pedagógicos à sociedade brasileira, apesar de ser apresentado em formato e veículo de grande aceitação e acessibilidade massiva. Perceber as discussões realizadas sobre a sexualidade feminina nas charges verificadas deixou a necessidade de avançar nos estudos da relação da mídia e sexualidade, com mais questionamentos a investigar, como o que fazer diante das opressões da sexualidade feminina na mídia? Como esses programas podem assumir uma parceria na luta por equidade de gênero? E como o telespectador pode



intervir em tais programas de TV quando não se sentir representado na sua condição de gênero?

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

BRASIL. Código Civil Nacional. **Lei nº 10.406 de janeiro de 2002**. Brasília: Presidência da República.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República.

CHABAD, **Reality Show**: um olho que vê. Disponível em <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/realityShow/home.html>. Acesso em 27 jun. 2014.

FERRÃO, Anelise de Brito Turela. **A influência que os Reality Shows e os programas de fofoca causam nas pessoas**. Universidade Federal de Campina. S.d.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia**: modos de educar na (e pela) TV. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, vol. 28, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 01 Jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 30ª edição. RJ, Petrópolis: Vozes, 2011.

PIMENTEL, Franciele Paes. **Discurso e mídia**: o poder da ideologia na formação de identidades. 1a JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso 27, 28 e 29 de março de 2008. P. 344-353.

WIKIPEDIA. **Enciclopédia**. Disponível em pt.m.wikipedia.org. Acesso em 30 Jun. 2014.
